

RESUMO

Este artigo é resultado de um exercício de reflexão sobre o tema da Alfabetização, com alunos em formação para a docência nas séries iniciais do Ensino fundamental. O foco central é o conceito de alfabetização internalizado por professores em exercício nas classes iniciantes no processo de aquisição da leitura e da escrita e suas implicações na prática pedagógica.

ABSTRACT

This article is result of a exercicies by reflection about the theme of instruction in reading and writing with students in formation for teaching begining series of fundamental teaching the central focus is the concept of intrnal instruction in reading and Writing for teachers

O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO NA VISÃO DE UM GRUPO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE MATO GROSSO*

Ana Arlinda de Oliveira**

Este trabalho foi elaborado com o sentido de sintetizar alguns pressupostos que atualmente explicam o processo de construção da leitura e da escrita na fase de alfabetização. O enfoque será dado ao conceito do que é alfabetizar, construído pelas professoras alfabetizadoras.

Os depoimentos utilizados neste trabalho foram recolhidos, como tarefa pedida aos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, na disciplina Fundamentos de Alfabetização, ministrada pela autora.

A pergunta “**O que é alfabetizar?**” foi dirigida a 36 professoras-alfabetizadoras das redes municipal e estadual do município de Jaciara, em Mato Grosso. O objetivo, ao levantar os conceitos emitidos pelas alfabetizadoras, foi de promover a reflexão com os alunos-professores do curso, sobre as teorias que explicam o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita na fase de alfabetização.

A sistematização dessas idéias permitiu escrever este texto.

Evolução do conceito

O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da alfabetização passa, atualmente, por um momento de transição en-

* Prof.^a da Universidade Federal de Mato Grosso – IE - DEOE, Doutoranda da UNESP – Campus de Marília/SP.

** Este artigo é fruto das reflexões promovidas pela disciplina “Ensino e aprendizagem de conceitos” ministrado pela Prof.^a Dr.^a Maria Conceição Medeiros M. Duarte da Universidade de Braga, Portugal, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP.

tre a opção por continuar numa prática tradicional, que tem como foco central os métodos de ensino da leitura e da escrita, e uma proposta alternativa baseada na teoria sócio-constructivista que leva em consideração os conhecimentos produzidos pelo sujeito.

Por que discutir, ainda, os métodos de alfabetização?

Se esses métodos já tivessem sido superados na prática pedagógica das professoras, creio que não seria mais necessário polemizar. Teríamos resolvido, pelo menos provisoriamente, essa questão. No entanto, os chamados métodos de alfabetizar estão ainda presentes na prática docente de grande maioria daquelas que ensinam as “primeiras letras”, não somente no seu discurso mas também nas ações desenvolvidas em sala de aula.

Os métodos de alfabetização têm centrado sua polemização nos chamados métodos de marcha analítica e seus processos de palavrção, sentencição e conto, e os chamados métodos sintéticos e seus processo fônico, alfabético e silábico. Quando se pergunta às professoras sobre esses métodos, logo aparecem conceitos que denotam a opção por um ou outro, entre os mais veiculados na prática educativa. As razões são as mais diversas para que as professoras cheguem a fazer sua opção, a qual permanece por anos e anos e vai, com o passar do tempo, proporcionando “maior segurança” para ensinar. Essa prática que vai se cristalizando acaba por gerar grande resistência por parte dos educadores que impedem uma mudança conceitual e metodológica significativa relacionada à alfabetização. Como entende VYGOTSKY (1993, p. 46):

...um conceito não é uma formação isolada, fossilizada e imutável, mas sim uma parte ativa do processo intelectual, constantemente a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas.

A formulação de um conceito é sempre uma concepção de pensar o mundo e as coisa nele inscritas. MENDONÇA

(1994, p. 13) mostra que “a comunicação se faz através dos conceitos para representar uma dada realidade, utilizando-se dos termos”. Os conceitos são elementos-chaves para relacionar os aspectos teóricos com as conseqüências empíricas; daí resulta a necessidade de analisar a lógica da formulação dos conceitos e sua relação com os fatos ocorridos. A “concepção”, como pensa GIORDAN E VECCHI (1996, p. 95):

...é o processo de uma atividade de construção mental do real. Essa elaboração efetua-se a partir das informações que o aprendente recebe por intermédio dos seus sentidos, mas também das relações que mantém com outrem, indivíduos ou grupos durante sua história, e que permanecem gravadas em sua memória.

Mas essas informações “são codificadas, organizadas, categorizadas num sistema cognitivo global e coerente, em relação com suas preocupações e os usos que lhes dá” (GIORDAN e VECCHI, 1996, p. 95). No entanto, a relação entre o conceitual e o físico raramente é simples e direta, e mesmo os termos que são apenas descritivos carecem muitas vezes de maior precisão.

Os conceitos são construções lógicas, estabelecidas de acordo com um quadro de referências. Adquirem seu significado dentro do esquema de pensamento no qual são colocados. O conceito é uma palavra que expressa uma abstração formada pela generalização a partir de específicos. (MENDONÇA, 1994, p. 16)

Vejamos alguns exemplos extraídos dos nossos dados que podem mostrar as conceituações das professoras sobre o que é alfabetizar:

Professora 01

...fazer com que o aluno conheça todas as letras, saiba formar palavras e consiga ler e escrever.

Professora 02

...um processo contínuo de leitura e de escrita nas séries iniciais.

Professora 03

É ensinar a ler e escrever.

Professora 04

É um processo contínuo, tendo início na 1ª série e encerrando-se ao término da 4ª série.

Professora 05

Ajudar a criança a reconhecer símbolos gráficos e identificá-los em qualquer situação.

SOARES (1985, p. 20) considera que hoje se tende a pensar a alfabetização como um processo permanente (contínuo) “*que se estenderia por toda a vida, que não se esgotaria na aprendizagem da leitura e da escrita*”. Para essa autora, esse fato em parte não deixa de ser verdade, isto é, o desenvolvimento da língua materna é um processo permanente.

Visto nesse enfoque, o modo de pensar o conceito explicitado pela professora 04 é um conceito parcialmente válido, quando ela diz que “é um processo contínuo”. No entanto, esse processo não se encerraria na 4ª série, porque é preciso um constante desenvolvimento da língua para se chegar a usá-la adequadamente.

Os conceitos desse grupo expressam apenas um lado da questão, ao centrarem a alfabetização como reconhecimento de signos gráficos. O que SOARES (1985, p. 20) chama a atenção é que “*é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida nunca se interrompe*”.

O termo alfabetização, etimologicamente, significa somente adquirir o alfabeto. Há um código da língua, cuja es-

estrutura precisa ser conhecida por todos os que nasceram num determinado território. O conhecimento desse código se transforma nas habilidades de ler escrever.

Pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita. (SOARES, 1985, p. 20)

Os conceitos dessas professoras não podem ser considerados errôneos, o que lhes falta é uma maior completude, pois outras características atravessam o processo de alfabetização. O que os conceitos citados não explicitam é que aprender a ler e escrever tem um significado social, ou que “*como domínio de habilidades específicas e de formas particulares de conhecimento, a alfabetização devia tornar-se pré-condição de emancipação social e cultural*” (FREIRE, 1990, p. 32). MAGDA apud LAGOA (1990, p. 16) conceitua alfabetizar abrangendo, não somente a especificidade do processo, como também o contexto social e as relações nas quais ele se dá, ou seja,

...propiciar condições para que o indivíduo(...) tenha acesso ao mundo da leitura e da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento de luta pela cidadania plena.

Não se pode negar a passagem, por quem se alfabetiza, do exercício mecânico de decodificação e codificação do alfabeto, mas é preciso estar atento porque isso não é suficiente para que alguém se julgue alfabetizado. Não basta, como conceitua a professora nº 1 “conhecer todas as letras e formar palavras”, a alfabetização envolve a questão da expressão/com-

preensão. Na língua escrita é preciso explicar os significados que, na língua oral, são expressos por meios não verbais, aspectos prosódicos, gestos... Isto quer dizer que a língua escrita é mais complexa que a língua oral, porque exige maior enquadramento nas normas gramaticais.

Um outro grupo de professoras expuseram seu conceito de alfabetizar apresentando, também, uma segunda especificidade do processo de alfabetização:

Professora 06

É levar o aluno ao conhecimento da leitura e da escrita, entendendo o que leu e desenvolvendo seu senso crítico.

Professora 07

Alfabetizar é ensinar a ler e escrever, criar e interpretar.

Parece que nas falas vistas até agora a prática da leitura e da escrita, que aparecem nestes conceitos, centra a atuação das professoras naquilo que é preciso adquirir, ou seja, naquilo que se supõe que os alunos não sabem. Seria preciso então a professora conduzir os alunos, com a finalidade destes alcançarem sabedoria sobre o código escrito. Os alunos aprenderiam tão somente porque alguém os ensinou. Esse modo de conceber o ensino-aprendizagem da criança na fase de alfabetização está “contaminado” por uma Concepção Tradicional de base empirista/behaviorista. Essa concepção reduz o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita ao nível sensorial, fisicamente observável e mensurável. Há a separação sujeito/objeto - objeto concebido aqui como o código escrito. O conhecimento desvinculado do contexto sócio-histórico.

BRAGGIO (1992, p. 2) afirma que os métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita são “pacotes” que se impõem, ao sujeito, como algo acabado. Os métodos de alfabetização são algo que é, não só prévio como anterior e exterior ao sujeito, que dele não tem controle, mas pelo contrário, a ele se

sujeita, e onde, através das regras estabelecidas, o sujeito é reduzido a “coisa”. O professor torna-se mero repassador do conhecimento julgado a priori “cientificamente” verdadeiro, e o aluno é visto como receptáculo de conhecimentos a serem imprimidos em sua mente.

Uma outra questão a ser ponderada, pois se reveste de grande importância, está em que as concepções de alfabetização têm deixado de lado a natureza social, histórica e ideológica.

O sujeito é considerado como um processador passivo do estímulo do ambiente. O ser humano é considerado como alguém incapaz de experimentar contradições internas, de mudar a si mesmo e à sociedade que o circunda através de sua praxis. (BRAGGIO, 1992, p. 8)

A aquisição de linguagem é um processo mecânico, no qual é necessário estimular a criança a repetir e memorizar a estrutura lingüística da língua a ser aprendida.

Professora 8

Alfabetizar é transmitir ao educando conhecimentos úteis e necessários para que ele possa começar do quase nada e alcançar o objetivo desejado, adquirindo o senso crítico de si mesmo e de tudo que o cerca.

Professora 9

Tirar a criança do desconhecido; fazendo com que descubra o verdadeiro sentido das letras e das palavras.

“Começar do quase nada” ou “tirar a criança do desconhecido”, parece mostrar uma concepção de que a criança é um ignorante de sua própria língua, um estrangeiro no seu próprio território. A concepção que perpassa esse modo de pensar é a de que para que a aprendizagem alcance seus objetivos, geralmente do professor, este deve

ensiná-la através de “conhecimentos úteis”. Certamente aqui não se leva em consideração que a criança ao vir para a escola traz conhecimento, mas que é preciso transmitir conhecimentos a ela. O útil e necessário passa por aprender aquilo que a cartilha impõe. A aprendizagem se faria por níveis de dificuldades grafo/sonoras em que as crianças, primeiro fariam a relação entre grafemas e fonemas através de famílias e de palavras simples, sem a preocupação com a contextualização.

BRAGGIO (1992, p. 11), aponta para as características do método; a palavra ou unidades menores na língua são vistas como seus fatores básicos. Trabalhando por ordem de dificuldades através dos segmentos da língua, tais como sílabas, palavras e sentenças descontextualizadas, torna-se “mais fácil” entender a língua. O autor dos manuais de alfabetização tem supremacia sobre o leitor, quanto ao significado da linguagem escrita; não há contribuição do leitor no ato de ler; o “erro” do processo de aprendizagem da leitura e da escrita é tido como um procedimento negativo do aprendente. Apenas uma das professoras concebe o “erro” como forma de se chegar à aprendizagem:

Professora 10

Alfabetizar é dar ao aluno segurança, auto-confiança em criar e desenvolver sua aprendizagem, demonstrando que através do erro também se aprende.

No ensino tradicional, ao errar, a criança deve repetir sempre escrevendo muito. A ênfase é dada à cópia como forma de reter a aprendizagem, através de exercícios modelares de gramática. Dessa maneira, a professora vai controlando a aprendizagem.

Professora 11

...envolve modificação de comportamento; só podemos considerar alfabetizado aquele que compreende o que lê

e sabe emitir, através da escrita, seu pensamento”.

A professora 11, ao expressar seu conceito sobre a alfabetização, orienta-se numa concepção de linguagem, à qual GERALDI (1984, p. 41) denomina de linguagem como expressão do pensamento, que busca explicar a linguagem a partir das condições de vida psíquica individual do sujeito falante. BAKHTIN (1992, p. 73) expõe uma conceituação dessa tendência quanto à língua como um produto acabado e abstratamente, construído pelos lingüistas e pronto para ser usado.

É fundamental, nesta concepção, que a criança esteja “pronta” para alfabetizar-se. A aprendizagem somente acontecerá através da disciplina, do silêncio e do ato solitário de cumprir tarefas previstas. O conceito de linguagem predominante é o de que a língua é um sistema fechado, estruturado, a ser internalizado por quem aprende, deixando-se num plano secundário as linguagens não-verbais (artes plásticas, o teatro, a música, os gestos e outras manifestações), pois estas linguagens exigem interação e cooperação do grupo para acontecerem.

Cerceia-se assim a expressão, criatividade, as experiências e as visões de mundo que as crianças têm. Buscando caminhar numa direção oposta à do Ensino Tradicional, a teoria Sócio-construtivista coloca como base a historicidade do sujeito, ao conceber que este é síntese das relações existentes e da história dessas relações, *“a realidade material (econômica e social) e a sua história determinam não só a consciência, mas todo o ser humano”* (MATUI, 1995, p. 61). A concepção sociointeracionista propõe a construção do conhecimento na interação sujeito-objeto, mediada pela ação da professora, no sentido de ajudar a criança a passar da *“zona de desenvolvimento potencial”* à *“zona de desenvolvimento real”*, ou seja, a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1988, p. 95-7).

BRAGGIO (1992, p. 86) afirma que:

Todo conhecimento humano está enraizado numa atividade, numa ação, num mundo real, e, se filogeneticamente a linguagem emerge das relações de trabalho e com ela a consciência, ontogeneticamente, na sua aquisição pela criança é uma atividade social, de interação da criança com os indivíduos e objetos que a circundam, que a linguagem tem lugar.

O homem, humanizado pela linguagem, toma consciência de si mesmo e da sua realidade, reflete sobre ela, transforma-se e a transforma como sujeito e como agente sócio-histórico. Os resultados do processo de aquisição da linguagem na concepção sócio-histórica se manifestam diferentemente daquele do processo tradicional, porque a criança utiliza tudo o que ela sabe sobre a linguagem e todo o seu conhecimento de mundo, experiências e crenças, quando lê ou escreve, cada criança tem seu ritmo próprio de aprendizagem, o qual é flexível e dinâmico, na formulação e reformulação de hipóteses testadas, tanto da leitura quanto da escrita.

Conhecer não é apenas reter temporariamente uma multidão de noções anedóticas ou enciclopédicas para “regurgitá-las”, como pede o ensino atual”. “Saber” significa, primeiro, ser capaz de utilizar o que aprendeu, mobilizá-lo para resolver um problema ou aclarar uma situação enquanto o ensino atual impõe a passividade e o tédio, e o aluno, longe de encontrar uma motivação (...), apressa-se em esquecer rapidamente tudo...

(GIORDAN E VECCHI, 1996, p. 11)

Essa atividade de construção mental do real efetua-se de acordo com a modalidade psicológica e socialmente determinadas e independentes. A realidade é a fonte do que o sujeito concebe, porém, essa realidade é abordada, recortada, decodi-

ficada e explorada em função das questões, do quadro de referência e das operações mentais do aprendente.

A linguagem aqui é vista como constitutiva da identidade do sujeito, do seu pensamento, da sua consciência, porque a consciência só adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso das relações sociais. NEDER (1992, p. 80) afirma que *“a língua pensada como produto histórico-social, se dá num contexto de interação verbal, é um processo de evolução ininterrupta, sendo determinada pelas estruturas sociais”*.

Algumas professoras, em seus conceitos, deixam entrever idéias que nos permitem dizer que houve certa compreensão do processo de aquisição da leitura e da escrita embasadas nesta teoria. São conceitos que privilegiam a cultura, o conhecimento vivido, a experiência da criança dentro de uma dada realidade. Alguns conceitos formulados pelas professoras propõem a participação das crianças no processo de construção da aprendizagem e apresentam aspectos mais gerais do processo.

Professora 12

Na minha concepção de alfabetizar é conduzir o aluno à aprendizagem da leitura e da escrita, a partir do conhecimento vivenciado no meio cultural, proporcionando-lhe condições para o desenvolvimento do pensamento, da criatividade e também da criticidade.

Professora 13

Processo que se inicia bem antes da criança entrar na escola.

Professora 14

E trazer para dentro da escola o mundo real do qual as crianças fazem parte. É integrar o conteúdo diário com as experiências do dia-a-dia.

Estes conceitos parecem conter o germe de uma concep-

ção de ensino/aprendizagem voltado para a construção do conhecimento pela criança. Não expõem a especificidade de aquisição da estrutura lingüística, como fazem os primeiros conceitos já citados, mas privilegiam o que a criança traz como já adquirido com relação à língua e mostram que o aprendizado das crianças começa bem antes delas frequentarem a escola. Essa é uma idéia sociointeracionista: "*Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia*" (VYGOTSKY, 1989, p. 94). A escola não pode mais ser considerada como o ponto de partida para a aquisição de saberes.

Professora 15

Alfabetizar é agir e interagir aproveitando a bagagem que a criança traz, sendo um processo contínuo que se inicia bem antes da criança ir para a escola.

Apenas um conceito propõe maior aprofundamento do que seja alfabetizar:

Professora 16

Alfabetizar é proporcionar ao aluno momentos em que ele possa construir seu conhecimento, sua aprendizagem. Criando um ambiente alfabetizador com os mais diversos jogos e atividades que desenvolvam uma aula (...) que venham de encontro com os conhecimentos já inerentes e adquiridos, para que através do conflito o aluno possa desenvolver sua aprendizagem.

Conclusão

A grande maioria das professoras concebe o conceito de alfabetização de uma forma fragmentada, isto é, sua visão é parcial porque percebe apenas uma das faces do conceito, centrando ou na codificação/decodificação ou generalizando, esquecendo-se da especificidade do processo. É mais provável

que no conceito geral esteja privilegiado a especificidade do processo do que o contrário. O que parece, mesmo que superficialmente se possa afirmar, é que algumas mudanças conceituais aparecem nos discursos das professoras, e para maior clareza seria preciso aprofundar a pesquisa, fazendo a observação das práticas pedagógicas nas salas de aula.

Uma pergunta ainda teremos que fazer por mais tempo: É possível às professoras superar os conceitos de alfabetização que dão suporte às práticas de sala de aula através dos métodos tradicionais do ensino da leitura e da escrita?

A idéia de superação como forma de ruptura definitiva, talvez seja ainda pouco provável entre essas educadoras, porém, a mudança gradativa de postura concernente ao como a criança aprende, poderá produzir mudanças conceituais que ampliará o conceito que elas têm do que seja alfabetizar. Acreditamos que este processo já esteja ocorrendo no meio dos educadores, e que mesmo os que agora são poucos, podem, através de suas experiências, seduzir outros educadores. (DUARTE, 1996, p. 24) propõe que a formação dos professores no sentido de mudança da prática pedagógica exige aprender a reconhecer, e portanto julgar, os princípios e crenças básicas em que se apoia. Seria preciso proporcionar situações de reflexão que ponham em análise e talvez em questão as crenças dos professores, assim como os princípios teóricos que lhes são subjacentes.

De posse desses conceitos, extraídos da realidade escolar, que privilegia os vários aspectos da alfabetização, pode-se propor aos alunos dos cursos de formação, através de dinâmica de grupo, a reflexão e, conseqüentemente, a construção de um novo conceito que privilegie de forma mais abrangente o processo de aprendizagem da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização.

A formação das alfabetizadoras precisa passar por momentos de análise e síntese, retirando da realidade da sala de aula fatos e conceitos que discutidos sob o suporte das teorias que explicam as diversas práticas pedagógicas, possam ampliar

e transformar suas concepções, fazendo emergir uma nova prática pedagógica, mais consciente e mais eficaz.

Como propõe Paulo Freire e Dunaldo (1990, p. 32), “*uma alfabetização crítica (...) não pode deixar de lado as relações entre o econômico, o cultural, o político e o pedagógico*”. Alfabetizar será sempre um ato político, na medida em que, é através dela que se faz a conscientização, “*é aprender a ler o mundo, compreender seu contexto*”. (FREIRE, 1989, p. 8)

O conceito exposto por FREIRE apud LAGOA (1990, p. 17) nos oferece a amplitude do processo de aquisição da leitura e da escrita:

Alfabetizar é adquirir a língua escrita através do processo de construção do conhecimento com uma visão crítica da realidade. Quando se trata do adulto, a técnica que proponho é uma tomada de consciência dos problemas vividos pelo grupo. Com a escrita ele exerce a plena cidadania. Para as crianças, a teoria é a mesma, mas valoriza-se o lúdico. A criança é o sujeito do processo educativo, não havendo dicotomia entre o cognitivo e o afetivo, mas uma relação dinâmica, prazerosa, dirigida para o ato de conhecer o mundo.

Acreditamos que ainda é preciso polemizar!

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

DUARTE, Maria Conceição M. **Ensino/Aprendizagem da Biologia**. Algumas reflexões suscitadas pela investigação educacional. Boletim

da Associação Portuguesa de Professores de biologia e Geologia. Junho/1996, número 6. Braga, Portugal.

FONTES, Maria Alice; SILVA, Maria Helena. **O movimento das concepções alternativas e o sucesso dos alunos em Ciências.** Vila Real, Portugal: Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro. (Série Didática, 98).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: Leitura de Mundo. Leitura da palavra palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GERALDI, J. Wanderlei. **O texto na sala de aula. Leitura e produção.** Cascavel: Assoeste, 1990.

GIORDAN, André; VECCHI, Gérard. **As origens do saber.** Das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

LAGOA, Ana. Afinal o que é Alfabetização? **Revista Nova Escola**, v. 5, n. 41, ago. 1990.

MATUÏ, Jiron. **Construtivismo.** Teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. São Paulo: Moderna, 1995.

MENDONÇA, Nadir D. **O uso dos conceitos (uma questão de interdisciplinaridade).** Petrópolis: Vozes, 1994.

SOARES, Magda. As muitas facetas da Alfabetização. **Cadernos de pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 52, fev. 1985.**

NEDER, Maria Lúcia C. Concepções de Linguagem e o ensino de Língua Portuguesa. **Polifonia. Revista de letras. Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, v. 1, n. 0, 1993.**

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.